

# Educação Ambiental & Desenvolvimento Sustentável

Coletânea de artigos

Fabio Ortiz Jr

a Vilvanita Dourado de Faria Cardoso, pelo norte,

a Marcel Bouquet, pela luz,

a Carmem Lucia Soares, pelo caminho.

Mestres e, sobretudo, educadores.

## **À guisa de apresentação** (pós-escrito, Dez 2006)

Esta coleção de artigos foi primeiramente pensada como uma contribuição mensal ao jornal Correio da Serra, recém-criado quando conheci o município de Santo Antonio do Pinhal, no começo de 2000.

Bastaram-me duas ou três visitas à cidade e algumas conversas afortunadas para perceber a necessidade e a importância da valorosa iniciativa de Claudemir Oliveira, o Viola, dono da Viola Pães & Doces, e de Ana Paula Costa, jornalista e dona da Casazul Modas, que juntaram forças na criação de um informativo independente e sério, voltado para o amplo interesse da comunidade local. Tanto quanto me lembro, meses depois, em visita à redação, ofereci-me para colaborar graciosamente com o jornal, criando uma coluna que procurasse esclarecer a população quanto aos riscos de vermos perdida talvez a derradeira oportunidade para a criação de um futuro minimamente saudável para Santo Antonio. A Ana, generosamente, aceitou de imediato e aguardou.

Os temas, eu suponha, deveriam ser tratados e desenvolvidos de forma a aliar seriedade e leveza, conteúdo denso e facilidade de compreensão. Não sei se consegui e há aqui algumas explicações que julgo necessárias.

Primeiro, eu ainda morava e trabalhava em São Paulo. Segundo, ainda não tinha a visão suficientemente clara do que pretendia realizar com a aquisição do sítio feita em Abril daquele ano (foi muito interessante observar a evolução das idéias nos meses subseqüentes). Terceiro, os anos seguintes foram tão pródigos em atribuições e dificuldades de toda ordem que só por milagre (aliás, uma sucessão deles) o sonho não se inviabilizou. De sorte que foi somente em Agosto de 2005 que encontrei tempo e tranqüilidade para escrever.

Como poderá ser percebido no decorrer da leitura, nos primeiros quatro artigos ensaiei, tateei numa possível aproximação cautelosa entre um público indefinido (agora regional) e o conhecimento que desenvolvi em mais de cinco décadas de ricas e dramáticas experiências. Mas eles serviram bastante bem para diluir minhas dúvidas sobre o que escrever e para quem. A partir do quinto artigo minha escolha estava feita: formadores de opinião, agentes de transformação.

Devo confessar que minha oferta de colaboração não era tão desinteressada quanto poderia parecer lá nos primeiros parágrafos acima. Depois de viver 50 anos em São Paulo, viajar muito pelo Brasil e um tanto pelo mundo, ser geólogo depois de editor e livreiro, mais tarde analista de sistemas e consultor de corporações, mas sempre sobretudo professor, agora retomando as raízes das geociências pela visão ambientalista para resultar enfim em um educador ambiental, decidi viver os próximos 50 em Santo Antonio e sua bela região, por certo acaso felizmente esquecida pelo "crescimento econômico" nos últimos 30 anos. Interessa-me que as pessoas compreendam que não é possível ocupar desordenadamente os espaços vitais, não é possível apropriar-se predatoriamente dos recursos que a natureza ainda oferece, não é possível eliminar outros seres e outras espécies como se fossem lixo, não é possível pensar que tudo é como sempre foi ou que será sempre como é, não é possível consumir a vida do planeta Terra e esperar que tudo continue a parecer que sempre estará bem e imutável, não é possível prosseguir neste modelo insano e irresponsável de "desenvolvimento" e "progresso" sem aniquilar qualquer expectativa de futuro para as próximas (e talvez poucas) gerações que nos sucederão. Penso mesmo que no ritmo em que a carruagem desanda, provavelmente nós mesmos pagaremos o preço. É terrível e é real.

Ah, sim, o sítio: nele eu e algumas pessoas de muito boa vontade estamos criando um centro de educação e pesquisas ambientais. Traremos crianças, estudantes, turistas; afinal, mantemos e nutrimos a esperança de futuro, mas com os pés no presente.

## Sustentabilidade e Cidadania (1)

Artigo 27, publicado no Correio da Serra, Santo Antonio do Pinhal, SP, edição de Ago 2008

Capítulo Oito: passemos então à reflexão sobre a relação entre Sustentabilidade e Cidadania.

O verbo "sustentar" é pródigo em significados.

Em nossa língua-mãe, o Latim, "*sustentare*" pode ser entendido como "*suportar; defender; manter; vir em socorro; alimentar; resistir a*". Já em Português ele nos remete a pelo menos 22 significados distintos, acrescentando-se "*suster; manter o equilíbrio; conservar; prover; dar continuidade*" e outros mais.

Daí surgem o adjetivo "sustentável" (*o que pode ser sustentado*) e o substantivo "sustentabilidade" (*característica do que é sustentável*).

Pergunte a dez pessoas, empresas, ongs ou autoridades o que entendem por sustentabilidade, o que querem dizer ao empregar o termo "sustentável". Talvez você se surpreenda.

Lev S. Vygotsky (1896-1934, russo), psicólogo, pedagogo, formado em Direito, um dos mais importantes pensadores modernos da Educação, para aqui falar o mínimo, dizia:

*"A estrutura da língua que uma pessoa fala influencia a maneira com que esta pessoa percebe o universo..."*

*Uma palavra que não representa uma idéia é uma coisa morta, da mesma forma que uma idéia não incorporada em palavras não passa de uma sombra."*

Nos artigos anteriores procurei conceituar o que entendo por *sustentável* e aqui, para que não reste dúvida, reafirmo o entendimento de que **sustentabilidade** é uma qualidade atribuível a processos da natureza, o que inclui todas as atividades humanas.

Assim, dou a ela o significado de **condição da ação ou processo que garante e fornece ao longo do tempo os meios necessários à realização e continuação da vida**, seja a nossa

enquanto indivíduos ou comunidades, seja mesmo como espécie, o que inclui, necessariamente, as demais espécies.

O leitor atento que acompanha estes artigos desde o início de 2006 sabe que, como geólogo, tenho percepção do tempo diversa do senso comum. Logo, aquele "*ao longo do tempo*" acima pode significar muito tempo (v. *A Percepção do Tempo*, Mar 2006).

Desta forma, uma pergunta pertinente ao falarmos de sustentabilidade é: *do que estamos falando; e por quanto tempo?* O mundo, a natureza, estão em permanente mutação!

Karl H. Marx (1818-1883, alemão), filósofo, um dos maiores economistas e um dos fundadores da Sociologia (o estudo das relações sociais), resumiu isto numa frase célebre: "*Tudo que é sólido se desmancha no ar.*"

O oportunismo dos acumuladores de sempre (v. *Desenvolvimento e Sustentabilidade*, Jun 2008) emprega e empregará a palavra "sustentável" para manter o seu sistema de acumulação doentia, tudo em nome do seu "direito" e de sua "liberdade". Atrofiados no desenvolvimento de sua alteridade (v. *Espaço e Ambiente*, Jul 2006), invadem e barbarizam **o direito e a liberdade de todos**, o que inclui a sua própria.

Imensa e longínqua é a luta humana para superar os traumas de sua infância (v. *Desenvolvimento e Sustentabilidade*, Jul 2008). Reinos e impérios foram criados e, com o tempo, dissolvidos.

Em tempos recentes (lembrem-se, sou geólogo) tivemos três dentre os melhores exemplos do esforço de superação humano: a Revolução Americana (1776), a Revolução Francesa (1789) e a Revolução Russa (1917).

Dali emergiram as liberdades e os direitos fundamentais do homem moderno, um passo adiante desde os Dez Mandamentos hebreus ou a Magna

Carta inglesa de 1215, ainda que em grande medida sob o prisma dos acumuladores.

O fim da servidão feudal, a independência, a abolição da escravatura, os conceitos de liberdade, igualdade e fraternidade, a democracia ampla (embora adjetivada), a constitucionalidade, passaram pela Declaração Dos Direitos do Homem e do Cidadão, aprovada pela Assembléia Nacional da França, evoluíram e estão hoje sintetizados na Declaração Universal dos Direitos do Homem proclamada pela ONU (Organização das Nações Unidas) em dezembro de 1948.

O termo *cidadão*, surgido na Grécia antiga para designar os que viviam então em cidades, evoluiu para significar uma nova condição humana para quem vive em comunidade e exerce seus direitos.

Modernamente, o termo *cidadania* representa a qualidade de cidadão, a condição de pessoa que, como membro de um Estado, se acha no gozo de direitos que lhe permitem participar da vida política, econômica, social.

Entretanto, aquelas iniciativas transformadoras dos exemplos acima não lograram sustentar-se e, em mais ou menos tempo, tornaram-se até mesmo a negação destes princípios. Nelas o ciclo virtuoso não alcançou sustentabilidade, o ciclo vicioso foi temporariamente quebrado em apenas um único ponto (v. *Desenvolvimento e Sustentabilidade*, Jul 2008).

Há um belo pensamento ao que parece erroneamente atribuído a Noel Clarasó (1905-1985, escritor espanhol-catalão), pois há uma referência anterior a Napoleão I (o Bonaparte tornado imperador), ironicamente um dos frustradores da Revolução Francesa:

*"É injusto que uma geração seja comprometida pela precedente. Há que se encontrar um meio que preserve as vindouras da mesquinhez ou inépcia das presentes."*

Parafraseando Marx, *é preciso superarmos as ilusões para que alcancemos uma condição que não precise de ilusões.*

No próximo artigo complementaremos esta reflexão.

## Sustentabilidade e Cidadania (2)

Artigo 28, publicado no Correio da Serra, Santo Antonio do Pinhal, SP, edição de Set 2008

Capítulo Oito: então para concluir esta reflexão sobre Sustentabilidade e Cidadania.

A sucessão de gerações não se dá como numa eleição livre, onde periodicamente podemos tudo zerar e substituir os ocupantes. Ela se desenrola ao longo de muito tempo humano, com 3 ou 4 gerações convivendo no mesmo espaço e ao mesmo tempo.

Assim, os sistemas de crenças têm a oportunidade de se perpetuar, pois tanto os acumuladores como os que a eles se opõem podem se reproduzir.

Seguindo a natureza, as mudanças parecem ser milimétricas, caramujas. Na verdade, são quânticas, pois acumulam lentamente suas forças e então lançam-se num salto súbito, como nos exemplos do artigo anterior. Estes são os momentos que os acumuladores não conseguem evitar; mas deles procurarão imediatamente se apropriar.

São muitos os truques e logros engenhados pelos acumuladores com o intuito de ludibriar uma transformação positiva, uma evolução nas relações sociais.

Não encontramos mais o “dono da empresa”: Fulano, Beltrana e Cícrono, nas imensas máquinas de geração de riqueza atuais, tornaram-se impessoais, são acionistas sem nome ou endereço identificáveis. Mal reconhecemos seus prepostos, profissionais que se prestam a representá-los mediante a grande oportunidade de “tirar o seu”.

O dinheiro, a moeda, uma inteligentíssima e muito útil invenção, caminhou para a sua extrema virtualidade: não há mais a ovelha, o saco de cereais, o ouro, a lastrear as trocas. Impalpável como os acionistas, o capitalismo, com o requinte de suas múltiplas e intangíveis virtualidades,

reconverte-se incansavelmente num imenso e global cassino de “mercados” e “futuros”.

Cria-se uma crise instantânea em um país com o simples apertar de um botão. Sob sua ótica, “a roda tem que girar”, não importa o que nos custe.

Mas sem dúvida o maior ardil estabelecido consiste em tomar todas as nossas energias, todo nosso tempo, numa eterna e angustiante luta pela sobrevivência, numa moderníssima escravatura.

Desta forma somos alienados daquilo que, no profundo saber de Wilhelm Reich (1897-1957, austríaco), um dos grandes cientistas de nossa psicologia, constitui os fundamentos da vida humana: amor, trabalho e conhecimento. Sem eles, os traumas não são superados; sem esta superação, as neuroses prosperam e, onde estas prosperam, a loucura se estabelece. É muito fácil explorar os desesperados.

Precisamos parar de nos debater; precisamos lutar. Não há como adiar a nossa existência, precisamos saber distinguir entre *ser* ou *estar*.

Na exaltação sofisticada do supérfluo, o mundo dos valores humanos parece estar de cabeça para baixo: malgrado os esforços dos que ainda resistem, nas universidades e nos institutos não (ou pouco) se faz ciência, mas sim produz-se *papers* para publicação e autopromoção; não se desenvolve educação, mas sim treina-se. Nas fábricas não se produzem bens úteis e duráveis, mas artigos de consumo. Nos campos não se produz alimento, mas *commodities* (um jeito “moderno” de se designar ‘produto padronizado e de alta escala voltado principalmente à exportação’).

A tecnologia submete a ciência e promete resolver todos os problemas,

mesmo nossa profunda crise civilizatória e agora a ambiental, como se fosse possível crer que a mesma lógica que produziu a crise pudesse agora magicamente resolvê-la.

No dizer de Aldous Huxley (1894-1963, inglês), cientista, jornalista e escritor (em *O Macaco e a Essência*, 1947), numa amarga reflexão logo após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e ainda sob o impacto das explosões atômicas sobre cidades indefesas, "*os macacos escolhem os fins; só os meios são do homem...*".

Tudo foi tornado mercadoria, tudo é comércio (v. *Ambientalismo e Desenvolvimento*, Abr 2008). Na metáfora, a Companhia das Índias venceu, Jack Sparrow está no limbo.

Faz parte essencial dos truques dos acumuladores acenar à população com a possibilidade de todos terem, à sua semelhança, um alto poder de consumo. E assim, ao consumir, somos consumidos, pois "a roda tem que girar" (um assunto para muitos artigos).

Mas no fundo sabemos (e todos precisam saber) que o que necessitamos em realidade é de alimentação saudável e boa medicina, não de "planos de saúde". Necessitamos de transporte digno, não de "carrão do ano". Necessitamos de roupas adequadas, espaços públicos de lazer, de viajar e

conhecer, não de "shopping". Necessitamos de comunicação, não de "celulares, ipods" e o escambau. Necessitamos de educação para a vida, não de "competitividade e treino para o sucesso". Necessitamos de identidade e laços sociais, não de "vencedores". Isto é exercício de **sustentabilidade e cidadania**.

Os déspotas, sejam reis ou não, costumam matar os mensageiros portadores das más notícias. Benjamin Franklin (1706-1790, estadunidense), cientista, físico, editor, escritor, músico, filósofo, político, estadista e um dos principais participantes da Revolução Americana, sabedor de que no fundo estamos todos no mesmo barco, já alertava em um sagaz pensamento: "*o sábio consegue mais vantagens para seus inimigos do que o néscio por seus amigos.*"

Como vimos nos artigos anteriores (v. *Educação e Ambientalismo*, Jan/Mar 2008), *sem curiosidade e esforço não há conhecimento; sem conhecimento não há critério, sem critério não há escolha, sem escolha não há liberdade, não há cidadania. O motor de tudo, a coragem.*

Nos próximos artigos, para aquecer de vez, abordaremos a relação entre cidadania e democracia.